



**11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas**

**A CORUJA E A PEDRA**

**Autor(es)**

MÁRCIA BARBOSA DE SOUZA

**Contos / Cricas**

Chovia muito... O céu estava adornado de um profundo negror... As nuvens lúgubres estavam excessivamente baixas como se fosse uma imensa mão a pesar sobre minha casa, como a esmagar-me.

Tomada por uma atmosfera pálida de horror, corri e coloquei o cadeado em meu portão. Éris não estava no muro, como de costume. Entrei rapidamente... Estava um pouco tonta, sentia minha cabeça rodar, talvez fosse efeito do tranquilizante...

Sentei-me no sofá branco. Sentia um vazio em minha mente, não me lembrava de nada... O quadro em minha parede branca fora pintado esferograficamente com figuras psicodélicas em preto e branco; o tapete preto revelava em seus quatro cantos uma espiral branca. Os vasos, as bolas sobre o aparador, enfim os objetos todos em preto e branco de minha sala me faziam enxergar um tabuleiro de xadrez. Sobre a mesa de centro, um cinzeiro com o símbolo yin/yang em preto e branco, que dividido tão precisamente me remetia ao maniqueísmo.

O porcelanato branco refletia meu relógio preto em forma de espiral, que marcava vinte e uma horas, mesmo horário em que ela bradou em meu portão... Fixei meus olhos, tudo rodava... Apenas frações de memória... Estava toda de preto, linda e sensual como sempre; vestida como a "dama da noite". O clarão da lua cheia iluminava seu rosto cálido destacando seus olhos pretos e seus cílios curvados. Seus cabelos longos e pretos, de tão brilhantes, pareciam enfeitados com glitter prata.

Pedi-me ajuda e, chorando, implorou para que eu a recolhesse em minha casa, que a deixasse ficar por uns tempos, pois havia brigado com a mãe, e esta, a pusera para fora de casa. Eu a abracei, fui logo mandando entrar.

Assustou-se com Éris, que a observava atentamente, medindo-a da cabeça aos pés como se quisesse tirar um raio x com os olhos. Expliquei-lhe que era minha coruja de estimação, sua toca ficava no centro do meu jardim, atrás de uma pedra branca, e, passei a relatar como foi interessante a maneira em que Éris apareceu em minha vida...

Certa tarde, fui surpreendida com a gritaria de alguns moleques, que voltando da escola, atiravam pedras em uma corujinha indefesa. Adverti-os severamente para que parassem de atirar pedras e a deixassem em paz. Com um pano a recolhi, coloquei-a em uma caixa de papelão e pinguei uma gota de dipirona sódica em seu pequeno bico. Ela sobreviveu e não foi mais embora. É espantoso como uma ave pode apegar-se ao ser humano, mas acho que ela apegou-se a mim. Desde então, tem sido a minha única companhia; vem todas as noites sentar-se em meu muro...

A verdade é que a Éris não foi com a cara da minha amiga! Dizem que coruja é sinônimo de mau agouro, por isso lhe dei esse nome tão singular.

Ângela, Ângela... Algumas vagas recordações começavam a brotar em minha mente... Trabalhamos juntas em uma magazine... Foi assim que a conheci. Ouvia suas lamentações, talvez fosse a única que tivesse saco, pois falava sobre sua mãe, as duas nunca se deram bem, não havia diálogo entre elas. Reclamava sempre da falta de dinheiro, às vezes me pedia uma quantia emprestada, demorava para pagar, mas sem dúvida, gostava muito dela, acho que no fundo a amava... Talvez eu fosse para ela uma família, ou talvez quem sabe, uma irmã mais velha. Na verdade, as coisas também não eram nada fáceis para mim, filha única e órfã...

Ângela não tinha namorado, não conseguia ficar muito tempo num relacionamento, terminava logo que percebia estar se envolvendo demais... Durante um bom tempo permanecemos assim, sozinhas, uma fazendo companhia para a outra...

Aos poucos e tímidas iam saindo uma a uma, as remotas lembranças... Estávamos no bar Miss Lilith, quando Pedro entrou. Seus olhos fitaram os meus, veio ao meu encontro, perguntou o meu nome. Conversamos sobre música, livros, viagens, filosofia, política, enfim, ele gostava das mesmas coisas que eu. Não podia acreditar, aquele homem lindo havia se interessado por mim! Não prestava atenção na agitação ao meu redor. As luzes coloridas do globo que girava, me deixavam zozna, hipnotizada pelo seu olhar... Ângela de longe nos observava atentamente. Não era comum usar roupas claras, ela só gostava de preto, mas naquela noite usava um vestido branco, que lhe caiu muito bem destacando sua pele morena. Eu estava de preto...

Fomos para casa... Ângela serviu-nos um café. Observei como ele olhava para ela que foi logo se deitar deixando-nos a sós... Éris piava muito lá fora! Não vimos o tempo passar, o sol já dava sinais de sua chegada com os primeiros raios a entrar pela janela, invadindo minha sala...

Novamente um branco, um vazio... Quando falava de Pedro, ela incomodava-se muito, ora mudava de assunto ora punha mil defeitos em meu namorado, chegava até mesmo a irritar-se.

Pedro era muito especial, advogado bem sucedido, tinha seu próprio escritório; era agradável, gentil, não tinha defeitos. Me apaixonei por esse home! Quatorze meses de namoro e ele me deu um anel de noivado, um solitário diamante cravado em ouro branco...

Não entendia o porquê dela não gostar dele, porquê tinha tanta implicância... Não podia nem tocar no nome dele. Já não me ouvia mais, não queria saber de meus sentimentos, nem de meus encontros, então passei a conversar com minha coruja. Certa noite quando falava para Éris sobre meu namorado ela estava inquieta, me fitava com os olhos arregalados, parecia querer contar-me alguma coisa, piava, descia no jardim e voltava novamente para o muro me olhando firme nos olhos...

Parecia tão difícil recordar certos detalhes... Sentia a turbulência de um twister a liquidificar os pensamentos, quando me veio à mente aquele sábado em que estava sozinha... Liguei para Pedro, e, foi então que tive o primeiro pressentimento. Ele pareceu-me embaraçado ao telefone, disse que estava atendendo um caso muito importante, o cliente estava em sua frente, não podia falar; disse que ligaria mais tarde, só que não me ligou... Me lembro que depois de uma hora, Ângela chegou... Veio com uma conversa que achava Pedro estranho, arrogante, frio, pouco atencioso... Disse que ele não se importava comigo.

Senti um aperto no coração, um frio aterrorizante que corria pela espinha. Não sei, mas ela se comportou de uma maneira estranha, não me olhava nos olhos... Foi como se soubesse que eu havia ligado para Pedro... Pegou um cristal branco da minha coleção de pedras na estante do meu quarto, apertou em sua mão e recitou um poema conhecido: No meio do caminho tinha uma pedra... Novamente abriu a mão mostrando-me o cristal, em seguida me olhou e disse que Pedro era uma pedra de tropeço para mim, e que estava na hora de retirar esta pedra do meu caminho. Cheguei a pensar que ela estivesse com ciúmes, que me quisesse só para ela ou talvez tivesse medo de me perder ou ainda quem sabe, medo de ficar sozinha sem ninguém.

Pedro começou a ficar até mais tarde no escritório, alegava urgências; apareciam viagens repentinas... Terminamos o noivado. Decidimos dar um tempo no relacionamento...

Minha amiga estava muito diferente... Mostrava-se cabisbaixa, não me olhava nos olhos... Dizia sentir que estava me incomodando, tirando minha liberdade; seria muito melhor se fosse morar em uma pensão. Fiquei muito brava. Dei-lhe um abraço e adverti que não dissesse bobagens. Sempre nos demos tão bem. Éramos como irmãs. Eu a acolhi com tanto carinho, jamais havia reclamado.

Minha insistência foi em vão, ela se foi. Mudou-se para a pensão Alvorada. Ainda sem entender o porquê, ajudei-lhe com a mudança. Não era muito o que ela tinha que levar. Lamentei sua partida!

Éris do muro me observava, como se quisesse me consolar. Acho que fiquei horas sentada no chão olhando para Éris... Tentando decifrar seu olhar misterioso.

Em meus devaneios tinha a sensação de estar rodando como se a cabeça desse voltas em espiral... As peças ainda não estavam colocadas corretamente. Era preciso remanejá-las com cautela... Permaneci assim durante alguns minutos... Olhos fechados, então me veio uma lembrança... Eu a procurei no domingo pela manhã e pedi que viesse almoçar comigo. Minha intenção era conversar com ela, abrir meu coração, perguntar se estava magoada com alguma coisa, algo que eu tivesse dito ou feito que a chateasse... Ela desconversou. Disse que não era nada comigo, problemas financeiros a afligiam, havia discutido novamente com a mãe, enfim,

inventou mil desculpas, porém não me encarava, mantinha-se cabisbaixa sem me olhar nos olhos.

À tarde enquanto tomávamos café, o eleito dos meus afetos ligou. Achei muito estranho, porque fazia algum tempo que ele não me procurava, que não me dava notícias, mas ao mesmo tempo fiquei feliz. Conversamos um pouco, me perguntou se estava sozinha, como se quisesse me ver, mas quando falei que Ângela estava comigo apenas perguntou se ela já tinha mudado, logo em seguida disse que precisava desligar. Não me convidou para sair, não deu sinais de querer me ver. Disse que voltaria a me ligar e desligou.

Ângela ficou sem jeito, meio desconcertada, arranjou mil desculpas para ir embora. Despediu-se apressada.

Foi então que desconfiei. Estive a refletir quando ela foi embora. Havia algo muito estranho com os dois. Acontecera algo entre eles, só podia ser. Eu pressentia isso. Nada poderia justificar o comportamento estranho dos dois. Estavam se encontrando e não queriam que eu soubesse. Claro! Estavam disfarçando para eu não perceber! Mas será? Como eu poderia ter certeza? Como descobrir? Poderia ser coisa da minha cabeça. Poderia ser apenas coincidência o fato dele ter me ligado bem naquele dia em que ela estava comigo...

Novamente o branco... Estava muito confusa, mas eu precisava lembrar de cada detalhe... Cada conversa, cada atitude, cada reação, tudo era importante... Acho que durante umas três semanas não nos falamos... Não sei ao certo... Meus pensamentos agora me levavam ao centro de um Maelstrom... Foi sexta-feira... Eu fui até a pensão e a convidei para almoçar comigo. Ela relutou em aceitar. Disse que tinha um compromisso importante à tarde, o aniversário de uma amiga, precisava se arrumar... Insisti bastante para que viesse e falei que poderia se arrumar em minha casa, não teria problema nenhum, a casa ainda era dela...

Preparei um fricassé de frango com batata palha. Ela gostava muito desse prato... A campainha soou. Chegou meio constrangida, mas eu a abracei... Minha recepção lhe deixou sem reação... Abri um champanhe e brindei à nossa amizade, como antes o fazíamos. Procurei demonstrar-lhe que ainda era importante para mim!

Para minha surpresa, como da outra vez, meu amor me ligou. Digo meu amor, porque ainda não o tinha esquecido. Veio com uma conversa sem pé nem cabeça... E como da outra vez perguntou se eu estava sozinha, mas sem dar sinais de querer me ver. A mesma dissimulação... Foi logo desligando o telefone, sem quase nem despedir-se direito.

Xeque-Mate! Dessa vez tive certeza, porque ela perturbou-se, o interessante é que não conseguia disfarçar. Eu via o constrangimento em seus olhos... Disse-me que já estava na hora de ir... Pediu licença para usar o meu quarto, antes dela também, deu-me um cartão de mototáxi e pediu para chamar...

Eu liguei... Meu coração estava frígido, amargurado, como se não sentisse mais nada, nem sinal de afeto ou sentimento algum que fosse. O ódio agora me dominava...

Enquanto se arrumava, o motoqueiro chegou... Fui recebê-lo no portão... Disse que queria dar um trote em minha amiga, por ser seu aniversário, mas ela não poderia perceber, nem suspeitar de nada, senão estragaria a surpresa... Pedi que inventasse qualquer desculpa e a levasse fora da cidade na Estrada do Açúcar, em um canavial perto da Usina Santa Clara... Disse que eu e mais seis amigas estaríamos ali por perto em um carro para apanhá-la, mas antes queríamos que ela sentisse muito medo. Depois a levaríamos à festa surpresa! Paguei ao motoqueiro mais do que havia me pedido e entrei. Fui até o quarto me despedir. Ela se foi...

No dia seguinte, seu corpo foi encontrado por trabalhadores, em um canavial próximo à Usina de Açúcar, com a cabeça esmagada sobre uma pedra branca.

Ainda estou no sofá... Olho pela janela... já parou de chover, nuvens funestas cobrem o céu, não permitem ver a lua, nem as estrelas... Minha cabeça ainda está rodando... A pedra branca não está no meu jardim... Éris está no muro, no mesmo lugar de sempre, me esperando para conversar...